OS “ALVOS” NUNCA TÊM RAZÃO!...

Pertenço à geração – como grande parte dos meus colegas – que nunca viveu ou contactou diretamente com uma guerra, ao invés dos nossos pais e avós. A única guerra onde estive mais próximo foi a guerra colonial, em que, sendo estudante universitário, contava o tempo de adiamento e espera para (não) ir “para o ultramar”, e felizmente o 25 de Abril interrompeu essa contagem – e fiquei com a graduação militar mínima de “soldado sem instrução”!

Mas é também porque estamos no ocidente da Europa, e as guerras não chegam diretamente cá nos últimos (quase) oitenta anos, que temos isentos... porque as guerras nunca deixaram de existir na segunda metade do século XX (Coreia, Argélia, Vietname, Israel/Palestina/Líbano, Afeganistão, Irão/Iraque, Malvinas, Bósnia, Ruanda, Koweit/Iraque...) e já neste século (Israel, Congo, Somália, Sudão, Afeganistão, Iémen, Síria, Líbia, Iraque, Geórgia e Ucrânia), considerando apenas as que envolveram exércitos de mais do que um país. Podemos ainda relembrar as invasões de um país por outro – sem praticamente chegar a existir uma guerra, dada a desproporção de forças (Hungria, Checoslováquia, Panamá, Crimeia). E... também assistimos à “guerra fria”, mas à distância... De comum a todas estas, desde que me assumo como adulto e politicamente autónomo, é

que estive sempre fundamentalmente contra – à exceção da intervenção da força internacional, sob mandato da ONU, que repôs a independência do Koweit, em 1991 – e sempre pensei que a Humanidade e a Civilização (mal ou bem representadas pela ONU, desde o fim da II guerra mundial!) se encaminhariam para entender, de uma vez por todas, que os conflitos se têm de resolver paciente e diplomaticamente, sem as perdas de vidas humanas e todas as tragédias inerentes às guerras! Até porque nestas há sempre e apenas "perdedores", e me recuso a dizer, como o "maestro" de Patxi Andión, "quién venció o fue vencido"!

E temos contactado neste caso com os resultados: era inédito para a nossa geração, europeia e ocidental, o surgimento de um exército de milhões de refugiados e migrantes, maioritariamente árabes ou africanos, mas também do leste europeu - fugidos diretamente das zonas de guerra, ou também da opressão económica que esta provoca – e que a nossa "rica" Europa apesar de tudo tem recebido, de bom ou sobretudo de mau grado, conforme os países e as circunstâncias políticas, com o espetáculo degradante e vil dos campos de refugiados às portas do arame farpado de entrada em certos países da Europa... e do drama igualmente aviltante dos milhares de afogados no Mediterrâneo, recusados de abrigo por outros países próximos... bem como por outros mais distantes... E também "vemos, ouvimos e lemos, e não podemos ignorar" os negócios entre turcos e europeus pela "contabilização da solidariedade" e do número de "salvações" aceites... expressos em milhões de euros... e não de pessoas!!! E aqui também não há "inocentes" (embora haja uns mais "culpados" do que outros): dos Salvini, Orban, Le Pen e similares, aos Vox, AfD , Chega e similares que dão a face pelos instigadores do ódio e racismo, aos líderes das grandes potências e "vendedores de armas" perfeitamente "inocentes"... até aos que "nem veem, nem ouvem, nem falam", porque estão desatentos, hesitantes ou alheios... "orgulhosamente sós", mas em qualquer caso sempre criminosamente coniventes!

Será que "centros de detenção" de refugiados, limitados por "arame farpado" não nos recorda nada? E "cidadãos de 1ª ou de 2ª", por cor, nacionalidade, sexo ou nacionalidade, não nos lembram os nazis, os colonialismos, os "britânicos das Falkland", o "apartheid", os taliban afegãos... ou as recentes declarações do Putin? (Infelizmente, por cada Mandela, Amílcar Cabral ou Gandhi que conhecemos, há milhares de líderes autocráticos, sem escrúpulos e com interesses inconfessáveis, e milhões que, conviventemente, os deixam governar "demasiado" tempo...)

À minha humilde escala, não posso calar: há 19 anos, em Málaga (onde estava em representação sindical) desfilámos com os colegas espanhóis e de outras nacionalidades contra a guerra do Iraque (a foto do autocolante é dessa manif), e repetirei sempre que veja serem espezinhados direitos vitais de populações sem culpa, transformados em "alvos" de interesses a que são alheios (sejam económicos, militares ou nacionalistas, mas que obviamente sempre servem os vendedores de armas!), pois **para um "alvo" não há boas ou más bombas, mísseis, balas ou outras munições**... todas são agressivas e tendem a matá-lo, aterrorizam-no, e às suas crianças (que nada compreendem...), e retiram-lhe tudo aquilo que uma pessoa deve ter com dignidade na vida: um lar, a felicidade da família e amigos, as utopias para o futuro... e possivelmente a própria vida! Por isso é que os "alvos", se abatidos ou feridos, é que são sempre os "culpados" de não se saberem desviar das "munições amigas"!

A invasão da Ucrânia é – e será sempre, quaisquer que sejam as "pseudo-justificações" – uma invasão e ocupação de um país independente, reconhecido pela ONU, por outro país independente... e isso é inaceitável em termos de relações e justiça internacional, e eu estarei sempre contra, como estive em vezes anteriores: não foram os checos os culpados da invasão de Praga (1968), nem os vietnamitas da guerra no seu território nos anos 60/70, nem os infelizes afegãos das sucessivas invasões pelos soviéticos (1978), pela NATO (2003) e agora (sobretudo as mulheres!) pelos talibans, nem os iraquianos pela invasão pelos americanos e ingleses (2003)... como não é o povo ucraniano culpado da invasão pelos russo hoje... e por isso é sempre do lado dos invadidos, perseguidos e oprimidos que me sinto, e manifesto! Hoje e sempre!

Manuel Pereira dos Santos
(2022.02.26)